

Antropologia Portuguesa

Volume 20/21
2003/2004

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Carvalho, R. D. 2003. *Actas da Maianga [dizer da(s) guerra(s) (,) em Angola (?)]*. Lisboa, Edições Cotovia. 294 p. ISBN 972-795-058-2. € 17,85.

... terei sido certamente, com toda a minha ingenuidade “política”, bem firmada e confirmada, o último a colocar-se que afinal nem todos tínhamos lutado pela mesma coisa... e no entanto Angola continua e continuará a ser maior do que quem a governou, governa ou governará ... (p. 292).

Três destaques para apreciar nestas *Actas da Maianga*: o autor e os destinatários; o dizer da guerra e de outras coisas; a identidade e a modernidade.

O autor e os destinatários

Actas da Maianga [dizer da(s) guerra(s) (,) em Angola (?)] nasce de facto de uma bem assumida «ingenuidade política» que potencia uma capacidade única de observação porque permite ao autor (observador e actor) estar dentro e ao mesmo tempo ver como se estivesse fora dessa luta ingente pela sobrevivência que tem marcado a vida dos angolanos nas últimas décadas.

Embora congeminada há tempos, a ocasião desta obra é precipitada por aquilo que passou de boca em boca, por todos os angolanos, como sendo a notícia:

“... a vinte e dois do dois de dois mil e dois era a notícia, assim: confirmada no Leste a morte anunciada. Aquela, uma, a que era para contar entre tantas outras.” (p. 14).

Ruy Duarte de Carvalho (R.D.C.) é apanhado pela notícia (“... delito de deambulação?” interroga-se), abrevia a passagem por Lisboa e regressa carregando “... notas recentes, urdidadas já depois da notícia explodir; [...] recortes de jornais publicados em Lisboa nos últimos vinte dias; [...] notas antigas ...” de um “... [livro em projecto: *Dizer da guerra (,) em Angola...*]” (p. 18).

Assim explica o autor a ocasião e razão de ser destas *Actas da maianga*, que de resto anunciava implicitamente em carta de 1995 quando, programando uma colaboração com o Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra (proposta em 1995 e concretizada em 2001) exprimia a necessidade de um livro

em que as questões de Angola fossem por ele expostas a “um público potencialmente interessado embora não especializado”. Ou mais precisamente: “Para ilustrar a estratégia expositiva que pretendo adoptar em relação a este livro direi que nele experimentarei explicar-me a mim mesmo não-antropólogo aquilo que sempre quis saber sobre aquele sector da população angolana e que me exigiu para lá chegar, tornar-me antropólogo, precisamente” (Carta de 22.09.1995).

A difícil arrumação desta obra, que se aproxima do tipo diário, sem o ser, em que a reflexão do autor circula entre o seu destino pessoal e o destino colectivo de um país que se projecta como nação, percebe-se porque o essencial destas *Actas* assenta, como o autor confessa, como diálogo sereno “entre mim e eu...” conversa demasiado íntima para cair bem na praça pública (o livro foi de facto pouco falado...) mas que pode muito bem iluminar mentes de jovens, futuras elites, que, sensíveis à violência da ignorância e da prepotência, se preocupam com os caminhos de um país rico em que as pessoas morrem de fome.

“Dizer da guerra” e de outras coisas

Este “dizer da data”, primeiro tópico das *Actas da Maianga* merece, pois, uma reflexão profunda do autor falando consigo mesmo, analisando *o verso e o reverso* de acontecimentos de um país que é seu por opção e no qual se auto-classifica como “branco da terra” (p. 180). Desta forma o autor aposta numa sábia Antropologia de antecipação que, rompendo com o “... barroquismo científico e a *etnologia cinzenta que fala de observação participante e produz relatórios de oficial de diligências ...*” (p.151), sugere a jovens angolanos “... eventuais, futuros, ou pelo menos potenciais, decididores ...” (p. 149/150) pistas de reflexão num “supremo tempo de mudança” que leve as pessoas à “convocação do real” para superar o “... abismo, verificado e demonstrado, entre boas-vontades, valores tidos por seguros [...] e as realidades e os interesses das populações abordadas e visadas.” (p. 167).

Neste contexto não é de estranhar a dificuldade dos especialistas da crítica literária na arrumação destas *Actas da maianga* (Marques¹), já que o destino pessoal (que remeteria para a literatura dos diários) aparece constantemente entrecruzado com o destino colectivo e as reflexões expostas neste livro obedecem à intuição de “... alinhar e alinhar notas que fui acumulando com o fim de colocá-

¹ Marques, C. V. 2003. Entrevista: Ruy Duarte de Carvalho. *Visão*, 529: 15-17.

las à disposição de quem [dentro e fora] ache eventualmente oportuno, neste supremo tempo de alteração e mudança, repensar a situação de Angola.” (p. 227).

Partindo à procura da “lucidez possível” para a vivência de “um país normal” R.D.C. não pode esconder a frustração da contribuição dos académicos para a questão em causa. Sendo ele próprio académico (Professor na Universidade Agostinho Neto de Luanda, e Professor Convidado no Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra), o autor não pode deixar de denunciar certas manhas de “... investigadores portugueses [...] que em unísono se desembaraçaram dos pareceres [...] sobre o meu projecto de trabalho no Sul [...] respondendo que o mesmo carecia de consistência operativa ...” (p. 54).

Como também não pode deixar passar em claro a falta de “... um exercício de relativização e de contenção nos julgamentos (...) [veiculados por] certos canais do saber académico e científico.” (p. 149); e daí o seu “... desconfiar das diligências que concentram a sua atenção mais sobre a construção ociosa do problema do que nas condições da sua resolução concreta [será o caso de muitos dos “seminários” tão presentes entre nós].” (p. 189/190).

Identidade e modernidade: deixar à porta os sapatos sujos

A notável experiência de campo (pois vai lá visitar pastores há mais de 30 anos!) permite-lhe conceptualizar numa perspectiva ampla e do futuro (da nação angolana a construir) questões cruciais da diversidade cultural de um país cuja unidade territorial coincide com uma diversidade cultural rica em tradições, práticas e patrimónios. E quando esta realidade não está presente e subjacente às decisões políticas a nação-projecto pode simplesmente degenerar em projectil (“Projectil ou projecto?” p. 222) capaz de ofender, ferir e destruir muitos dos valores mais emblemáticos da diversidade cultural angolana.

Para entrar na modernidade, Angola precisaria de deixar à porta alguns dos sapatos sujos (recorrendo à feliz ideia da alegoria usada por Mía Couto na oração de sapiência de 7.3.2005²) que continuam na moda, a saber:

- Que o exercício da análise deve ser obstruído porque representa uma ameaça à segurança do Estado!
- Que a proposta socialista (em Angola como noutros lugares) foi um êxito e não um logro completo!

² *Courrier International*, nº 0 de 2 de Abril de 2005.

- Que os benefícios da nova ordem (independência) são simplesmente o prémio para quem teve jeito e engenho para agarrar o poder!
- Que o poder tradicional é coisa de feitiçaria dos velhos e para esquecer.
- Que o exercício penoso de luta pela sobrevivência é para continuar e assim estimular a criatividade popular!
- Que a unidade angolana não está segura com a diversidade cultural das suas populações porque essa diversidade representa uma ameaça de tribalismo!
- Que a democracia é coisa boa para propaganda mas é mais seguro ter todo o poder nas mãos de um só partido.

É neste contexto de preocupações com o estado-nação em construção, tema já abordado por R.D.C., em 1993/1994³, que nas *Actas da maianga* se inscreve o último capítulo “Identidades, culturas e literaturas”, em que a constatação de que “Angola vive em pleno, a par de outras, uma crise de “percepção” e de afirmação identitárias ...” (p. 221) é complementada com a afirmação muito clara de “... aferir o espectro das identidades e das identificações colectivas ...”, ou seja, mais exactamente, é fundamental saber “... quantos outros há de facto cá dentro ...” (p. 215).

Partindo da experiência provada e comprovada dos Kuvale, um daqueles “... raros casos que entre nós poderão ainda ser aferidos recorrendo ao “formato” do atribulado conceito de “etnia”.” (p. 218), R.D.C. reivindica a dimensão da diversidade cultural no espaço territorial de Angola, em termos e sensibilidade ímpares relativamente a tudo o que até hoje se escreveu sobre a matéria.

Manuel L. Rodrigues de Areia

Departamento de Antropologia
 Universidade de Coimbra
 3000-056 Coimbra, Portugal
 areia@antrop.uc.pt

Clavir, Miriam 2002. *Preserving what is valued: museums, conservation, and first nations*. Vancouver, University of British Columbia Press. 320 p.
 ISBN 0-7748-0861-8. \$ 95.00 CDN (encadernado).

Preserving What is Valued challenges ethnographic conservation to reconsider its professional values and practices towards the care and preservation of First

³ Carvalho, R. D. 1993/1994. Angola: o passado vivido e o presente em presença (hipótese para uma análise antropológica da crise em curso). *África*, 16-17(1): 125-133.